

OS CIRURGIÕES UROLOGISTAS

AMBULANTES

EM PORTUGAL E ESPANHA

POR

AUGUSTO DA SILVA CARVALHO

COMUNICAÇÃO APRESENTADA AO CONGRESSO DE UROLOGIA
REALIZADO EM MADRID EM 1928

SEPARATA DE
A MEDICINA CONTEMPORANEA
N.º 5, de 2 de Fevereiro de 1930

LISBOA
TIPOGRAFIA LABOR
Rua do Registo Civil, 9-B

1930

4

RC
MNCT
617
CAR

do ilustre profesor Henrique de Vilhena

56.

Paschoa

No princípio do século XVII o desinterêsse dos grandes cirurgiões por essa especialidade continuava na mesma e nem o célebre Ambrósio Pareo quis quebrar a tradição. Citam-se como o primeiro documento que reconheceu oficialmente os litotomistas e herniários, os estatutos da confraria de S. Cosme em Paris, outorgados por Henrique III a 10 de Janeiro de 1577. Pouco depois começaram os litotomistas a serem regularmente contratados por parte dos municipais ou dos estabelecimentos de assistência para algumas cidades. Pode dizer-se que até ao fim do século XVII abundaram por toda a Europa, procurando as capitais e a ocasião de grandes festas uma horda de vagabundos, de má conduta e péssimos costumes, debochados e sem escrúpulos, recrutados entre os barbeiros, enfermeiros, dentistas, hervanários, castradores de cavalos e de porcos, caldeireiros, cortadores dos açougues, carrejões e até dos carrascos, que em qualquer praça pública faziam propaganda das suas habilidades cirúrgicas e armavam barracas onde vendiam remédios e amuletos, davam consulta e operavam. Iam por montes e vales, de castelo em castelo, onde se se umas vezes eram largamente pagos pelos seus serviços, outras vezes recebiam como castigo do mau successo das suas operações uma sova e até a fôrca. Procuravam as feiras e as cidades, arrumados ao seu cajado e levando às costas uma mochila com a bagagem, as drogas que vendiam e os grosseiros instrumentos cirúrgicos de que se serviam. Muitas vezes deligenciavam chamar a atenção usando um fato extravagante, como se fôsem palhaços, o que em certos países lhes foi proibido pelas municipalidades. Mais tarde apresentavam-se com luxuosos trajes de seda ou veludo, guarnecidos de peles e exhibindo capacetes e espadas douradas, ou turbantes orientais (1).

(1) Vejam-se no Museu do Prado de Madrid o quadro que representa um cirurgião que extrai uma goma do pericrânio,

O marasmo e apatia da época que se seguiu até ao meado do século XVIII, pouco ou nada adiantou a clínica neste ponto, foi só na segunda metade deste século que se iniciou o trabalho consciencioso e paciente dos cirurgiões mais sabedores e melhor dotados, ajudados pelos progressos da anatomia e da observação clínica que permitiu que os práticos se arrojassem na Inglaterra, França, Alemanha e Itália principalmente a praticar a punção da bexiga, a incisão dos abcessos perinefríticos, os diferentes processos da talha perineal e hipogástrica, a dilatação uretral e a uretrotomia. Foi efectivamente o século XVIII a era do renascimento, que preparou as bases da moderna cirurgia urológica.

Mas estes progressos, como todos os outros dêsse tempo, levaram cêrca de 50 anos para chegarem e radicarem-se na Península Ibérica, e por isso se encontravam ainda em Portugal como em Espanha até ao fim dêste século os cirurgiões ambulantes.

Os barbeiros e cirurgiões litotomistas provinham em geral de França, ou dali fôsem uriundos, ou apenas por lá passassem vindo das suas terras, e entravam em Espanha pela Catalunha, se viajavam por terra, ou por algum dos portos mediterrânicos. Faziam-se anunciar com antecedência por cartazes para que se fôsem juntando os que dêles esperavam o fim dos seus males. Se podiam e em geral não encontravam para isso grande dificuldade, obtinham licença para exercer a sua profissão, do alcaide das corporações e confrarias dos cirurgiões e mais tarde do Tribunal do Proto-Medicato, o que lhes permitia demorarem-se, se a clientela os animava a isso. Em muitos casos não lhes era concedida a licença de exercício, senão

que nesse tempo se chamava *talparia*, as pinturas de Romboust, e os quadros de Honthorst, Gerard Dow, Brouwer e Teniers, dos Museus de Dresden, Viena, Amesterdam e outros países.

com a condição de serem assistidos nas operações por um médico ou cirurgião com carta. A's vezes esforçavam-se porque alguns clínicos de nome presenciassem os seus trabalhos, não só para lhes dar maior importância, mas também para depois obterem os autênticos atestados que lhes servissem quando mudassem de sítio. Mas outras vezes negavam-se a operar em presença dos facultativos do lugar, principalmente quando usavam de processos que queriam conservar secretos e que transmitiam de pais a filhos, pois houve várias dinastias destes práticos, como foram os célebres Colot.

Duma povoação passavam a outra, voltando às vezes atrás e quando lhes parecia que já não tinham muito a lucrar com a demora, passavam a Portugal, onde um simples exame perante o físico ou o cirurgião-mór, processo fácil e barato, lhes permitia obter uma licença ou uma carta régia permitindo-lhes com todo o socego exercer a sua profissão. Em regra entravam pela Extremadura Espanhola, donde passavam à Beira ou ao Alentejo, para irem a Coímbra ou a Lisboa.

Nos séculos dezassete e dezoito êstes especialistas ambulantes já apareciam melhor apetrechados, pois tinham educação científica regular nas Universidades estrangeiras de renome; desprezavam já a clínica dos campos e só procuravam os grandes centros. Não recorriam aos reclames exercidos nas feiras e praças públicas e já não apareciam com os trajes de fantasia que noutro tempo lhes serviam de chamariz. Antes usavam daquêlles preceito de D. Francisco de Quevedo:

“Si quieres ser famoso Médico. lo primero linda Mula, sortijón de esmeralda en el pulgar, guantes doblados, ropilla larga y en verano sombrero de tafetán...” (1).

Depois, à medida que iam crescendo em ciência, foram-se civilizando e adaptando às novas condições sociais e aparecem, com raras excepções

(1) *Libro de todas las cosas.*

trajando como os facultativos desse tempo e anunciando-se apenas pelos editais e anúncios nas gazetas. Mas ainda restava muito de charlatanismo nos seus dizeres.

Um contemporâneo que foi celebrado, Braz Luís d'Abreu, descreveu os médicos ambulantes do primeiro quartel do século XVIII, por esta maneira que bem pode aplicar-se aos cirurgiões (1):

“Desembarca em Lisboa, no Pôrto ou em outra qualquer barra dêste reino um médico estrangeiro. não disse bem, um estrangeiro metido a médico e antes que ponha o pé em terra, já o bom do homem tem mandado encher as esquinas de editais em que publica remédios infalíveis para todos os achaques, por mais que os médicos doutos e nacionais os tenham reputado por incuráveis. Afirma que tem remédios divinos para a gôta, para a tísica, para a pedra, para a asma, e não sei como alguns (atendida a facilidade grande com que prometem) não têm trazido ao nosso Portugal remédios eficazes para evitar perpetuamente a morte, ou para fazer retroceder a idade, que segundo as grandes cousas que êles dizem que fazem, ainda êstes dois seriam pequenos milagres.

“Entra-se um dêstes por casa d'um illustre, dum nobre, de um eclesiastico, dum mercador, mas nunca dum pobre, e se ha achaque na casa começa logo o parabolano a desenrolar promettimentos, e que foi fortuna chegar êle a tempo em que pudesse emendar o que os medicos tinham errado, porque a queixa só êle a conhecia, por ter já feito semelhante cura na pessoa de Delfim de França e vencido o mesmo achaque no Principe Eugénio ou em outra qualquer personagem dêste calibre, porque semelhantes físicos nunca se fazem médico aî de qualquer tudesco de má morte, mas as suas experiências sempre têm sido observadas ou nos palácios dos príncipes ou no serralho do Grão Turco.

“Começa um dêstes alquimistas a prometer e o

(1) *Portugal Médico*, pag. 680 (sem respeitar a ortografia).

pobre doente a pasmar... Se a queixa é pedra... diz-lhe: senhor, eu não entendo estes médicos de Portugal, nem atam, nem desatam, tudo são sangrias, purgas, xaropes cordiais e daqui não há passar, senão quando muito, ou a quatro ajudas frescas, ou a uns poucos de quartilhos de leite, de burra, sem se lembrarem dos milagres que fez o nosso Paracelso, por isso chegam a tão miserável estado nas suas mãos os doentes, que ou se enfadaram de viver, ou morrem por os não poder atuar. Eu senhor tenho um extracto para a pedra... que se Vossa Senhoria experimentar não há... pedra que se não tire ao extracto. Se Vossa Senhoria, se quere curar comigo, bem pode estar certo que há-de ter o mesmo successo que experimentou com o extracto o Eleitor da Baviera.

"... Oh que favor devo a êstes príncipes? Que liberdades não experimentei com êstes senhores? Por cá ainda se não conhecem as minhas habilidades, nem eu faço tenção de estar por cá muito tempo, porque aonde nos conhecem, honra nos fazem. Contudo ainda que eu não viera a Portugal, mais do que livrar Vossa Senhoria da morte, daria a jornada por bem empregada, porque em Vossa Senhoria estou vendo a mesma generosidade e grandeza daquêles soberanos. Com isto e com lhe mostrar quatro vidrinhos tapados com cêra e cobertos com couro de luva, vai pedindo adiantados uns poucos de tostões para pagar os gastos da estalagem, e é tão idiota que despreza os palácios de Moscovia e Alemanha, para se andar introduzindo pelas bodegas de Portugal."

E termina na força da indignação contra os médicos ambulantes:

"Ora o certo será que nós mataremos, mas só os estrangeiros sabem viver."

E applica-lhes êstes versos de D. António Henrique Gomes:

“... Doctorissimo embeleco
Examinado em Meco,
Unico Mayorasgo de la Parca,
Y de la vena general del arca
Un Jues criminal, pues le has quitado
El thesoro vital, que Dios le ha dado.
Cuchillo racional introduzido,
Veneno por antidoto trahido...”

E de D. Francisco de la Torre:

“Tu en nuestra Ciudad apenas
El nombre has mudado, pues
Mendigo llegaste, y ya
Médico vienes a ser.
Remédio dás al enfermo,
Y el oro ofrece a tu ser.
Los dos a un tiempo curais
Tu su mal, y el tuyo él.”

Sessenta anos depois ainda se passava o mesmo, no dizer de José Henriques Ferreira⁽¹⁾, que falando dos charlatães e impostores, escreveu:

“... dêstes em todos os tempos apareceram fingindo-se médicos e inculcando-se possuidores de vários segredos para curar todas as moléstias e mormente as incuráveis. A criminosa negligência dos magistrados na execução das leis, que proíbem esta peste da república, faz com que andem vagando impunemente por todo o mundo, principalmente em Portugal, onde se veem a cada passo cartazes impressos e afixados nas esquinas das ruas, além da Gazeta, nós quais se noticiam estas imposturas; e o que é mais para admirar e lamentar, atreverem-se a publicar que têm licença e autoridade daquêles mesmos, que os devem proibir e castigar, não só pelos estragos e danos que cau-

(1) *Discurso crítico em que se mostra o dano que tem feito aos doentes e ao progresso da Medicina em todos os tempos, a introdução e uso de remédios de segredo*, pág. 9.

sam á saúde do povo, mas também pelo roubo e extorsão que por êste meio lhe fazem.”

* * *

Vamos dar notícia dos mais importantes dêstes cirurgiões ambulantes.

João Genovez (1), assim chamado por ser natural de Génova, veio para Portugal e depois de servir Mestre Martinho, teve em 1504 licença régia para curar hérnias e tirar pedras. Êste Mestre Martinho (2) morador em Penafiel, devia ser perito em tirar pedra porque em 2 de Janeiro de 1504 foi dada licença para essa operação a Mestre Pedro, que fôra seu criado, e no mesmo ano a João Genovez tambem seu criado.

Em 1521, António Barroco, que se dizia oriundo da vila de Curel (provavelmente Curesse na Itália), appareceu no nosso país e conseguiu permissão para tirar lobinhos e lupas, tratar quebraduras e tirar pedras (3).

Em 1549, Juliana de Lião, devia ser francesa, com parecer favorável do doutor mestre Gil, obteve carta régia permitindo-lhe tratar de males de boubas, chagas e corrimentos (4).

Em 1590, um madrileno, Fernão Ribeira, filho de Jerónimo Ribeira, appareceu em Lisboa e depois de examinado pelo físico e cirurgião-mór Dr. Manuel Cardim Froes, foi autorizado a tratar *noli me tangere*, cancro, alporcas, lobinhos, boubas e corrimentos (5).

Em 1596, o alemão Filipe Franco chega a Lisboa e obtém licença para exercer a cirurgia, tratar carnosidades o tirar pedras da bexiga.

(1) *Notícia sôbre alguns médicos portugueses*, 3.^a série, por Souza Viterbo, pág. 124.

(2) *Ibidem*, 5.^a série, pág. 149.

(3) *Ibidem*, 3.^a série, pág. 15.

(4) *Ibidem*, pág. 28.

(5) *Ibidem*, pág. 128.

Filipe Franco era tudêseo e foi examinado e obteve licença em 22 de Junho de 1596, para exercer cirurgia e especialmente tratar de carnosidades, pedra da bexiga e outras doenças (1).

No primeiro quartel do século XVII havia em Lisboa um cirurgião, Francisco Guilherme, talvez alemão, que veio a ter grande nomeada em Lisboa onde se fixou e constituiu família, que praticava a operação da talha. Os tratados de cirurgia nêsse tempo em Portugal não se referiam às operações na bexiga e apenas Curvo Semmedo escreve:

“Perguntará neste lugar algum curioso, se será lícito abrir com ferro a bexiga, no caso que dentro nela haja alguma pedra tão grande, que nem possa quebrar nem sair com os remédios.” Responde afirmativamente, defendendo o seu parecer com o caso de Ambrósio Pareo ter aberto a bexiga dum calculoso que estava condenado à morte e com a notícia de muitos operádos referidos por Bonet, parecendo que em Portugal não tivera nunca conhecimento de sucessos iguais (2).

Os clínicos, sobretudo na clínica civil, não sabiam nem procuravam saber tratar as doenças dos rins e bexigas, a não ser pelas beberagens e remédios extravagantes, principalmente tirados do reino animal, que caracterizavam a polifarmácia dêste período de decadência. Isto facilitava o successo dos charlatães e dos cirurgiões ambulantes, que encontravam o campo livre para o seu exercício.

No meado do século XVII, António Sucarello Claramonte, cirurgião italiano, que esteve primeiramente no Pôrto e depois foi chamado a Lisboa, era muito perito em tratar carnosidades e mal de pedra.

Tomaz Brown, que supponho era inglês, chegou

(1) *Chanc.* de Filipe II, L. 29, fol. 44. Êste cirurgião como Nicolao Chrestien e mais alguns, acumulava as especialidades, porque operava os cálculos da bexiga e a catarata.

(2) *Polyanthea Medicinal*, pág. 450.

em 1718 a Lisboa, vindo do Grão Pará e anunciou trazer um remédio infalível, que tomado três vezes fazia expelir a pedra dos rins ou da bexiga. Conseguiu licença passada pelo Físico Mór para usar de tal específico (1).

Pouco depois um curioso, que se achava hospedado em casa do cura de S. Mamede, propunha-se curar com toda a segurança e brevidade as carnosidades uretrais só recebendo paga, quando conseguisse bom resultado (2).

Quem tinha meios de fortuna, no século XVIII, ía a Paris, para tratar-se das doenças do aparelho urinário. Foi o caso de D. Francisco Pereira Coutinho, em 1724 (3).

* * *

Os cirurgiões ambulantes cada vez eram mais numerosos e agora vinham munidos de diplomas das principais universidades e possuíam já muitos conhecimentos científicos.

Manuel Du Pré, natural de S. João de Mauriana, no ducado de Sabóia, obteve em 1742 licença para tratar em Portugal, dizendo possuir o segredo de Jacques Daran, o célebre cirurgião francês que adquirira grande fama de curar todos os apertos de uretra e uretrites crônicas com as suas velas emplásticas, sendo por isso chamado a Paris por ordem do Rei. Morou primeiro a S. João Nepomuceno e depois na Rua Direita dos Anjos e por fim no Arco Cego, onde ainda estava em 1748 (4).

O Dr. Nicolao Chrestien, Francês, tratava de dôres nefríticas e doenças venéreas em 1752. Morava na Rua das Parreiras e recebia em casa doentes (5).

(1) *Gazeta de Lisboa*, de 1718, pág. 400.

(2) *Ibidem*, de 1719, pág. 336.

(3) *Ibidem*, de 1724, pág. 29.

(4) *Gazeta de Lisboa*, de 1748, pág. 592 e 652 e *Chancelaria de D. João V*, L. 105.

(5) *Ibidem*, de 1752, n.º de 10 de Agosto.

José Salamam, natural de Veneza, tendo vindo para Portugal no meado d'este século, habilitou-se em 1761 para exercer clínica, tratando além doutras enfermidades do mal de pedra, retenção de urina e carnosidades (1).

Ducamp tinha inventado um porta-cáustico, composto por uma cânula de gôma elástica, terminada por um tubo de platina, por onde podia passar um cilindro do mesmo metal, suportado por uma vela de gôma elástica. Êste cilindro tinha uma ranhura profunda que se enchia com o nitrato de prata em fusão, com o que se realizava a cauterização da uretra.

Ardouin praticou em Paris o processo de Ducamp e, vindo para Lisboa no fim de 1823, propôs-se ensiná-lo aos facultativos portuguezes, empregando-o na sua presença. Morava na Rua do Outeiro (2). Partiu antes de Dezembro, porque a 2 d'este mês o cirurgião Vicente José Ferreira annunciava ter recebido o aparelho e ter ficado com os instrumentos de Ardouin, no qual se comprehendia uma grande quantidade de velinhas (3). No ano seguinte annunciava-se que na casa dum francês chamado Dijon, se vendia um aparelho completo de Ducamp, chegado recentemente de França (4).

* * *

Quási todos êstes cirurgiões ambulantes exerceram também em Espanha, se não vinham a Portugal por mar, ou se saiam pelo mesmo meio, às vezes para se dirigirem ao Brasil. Alguns houve porém, de que não encontro menção senão em Espanha. Passando nêste País demoravam-se em Madrid, na Andaluzia ou na Catalunha, mais ou

(1) *Chancelaria de D. José I*, L. 49 e *Gazeta de Lisboa* d: 7 de Janeiro de 1753.

(2) *Gazeta de Lisboa*, de 1824, pág. 4.

(3) *Ibidem*, de 2 de Dezembro.

(4) *Ibidem*, de 1825, pág. 452.

menos tempo conforme a sorte lhes sorria próspera ou adversa.

Referiremos apenas com mais pormenores os que em Espanha se demoraram, sem nos determos nos anúncios que do estrangeiro vinham desafiar a esperança dos doentes que não encontravam remédio ao seu mal, como o de Moseh Alvares que em 1696 anunciava vender em Amsterdam «cierta agua admirable, para sanar à todas las personas que padecen de el mal de piedra, pues no tan solamente haze la agua hechar la piedra, sino que la deshaze, y limpia la parte de los Rinones de todas suertes de arenas...» (1).

Entre os litotomistas ambulantes que se fixaram em Madrid citarei Hugo Homps (inglês ou alemão?) que ao mesmo tempo operava nas doenças dos olhos e tratava das que impedem o trânsito da urina, e que, em 1763, morava na Rua de la Montera (2); Carlos Nicolau Jenty, cirurgião parisiense que veio em 1768, morava na Rua del Desengaño e depois na de Ortaleza, 13, onde vendia fundas e tratava de apertos de uretra (3); e José Companó, que residia em 1773 na Rua do Jacometrezo, 11, principal e se tinha especializado em curar as sequelas das gonorreias, úlceras da uretra, carnosidades, retenção de urina e fístulas urinárias (4).

Mas quem representou durante mais tempo, e com mais nomeada esta especialidade clínica no século XVIII na capital espanhola foi um francês, Carlos Ricardo de Beauregard, que veio para Madrid em 1755, antes de 1759 obteve licença do Proto-Medicato para exercer a clínica cirúrgica das vias urinárias e dizia ter atestados de quatro médicos graduados de Madrid certificando os seus méritos. Morava primeiro em frente da Porta

(1) *Gazeta de Amsterdam*, de 4 de Março de 1696.

(2) *Gazeta de Madrid*, Supl. de 31 de Maio de 1762.

(3) *Ibidem*, de 1768. n.º de 1 de Novembro.

(4) *Ibidem*, de 1773, pág. 251.

Coeli, por cima dum vidraceiro. Foi exercendo clínica, saindo algumas vezes para a província a acudir a alguns clientes que não podiam deslocar-se e em 1765 foi a Paris donde voltou no fim desse ano, indo morar para a Rua do Abade. No ano seguinte publicou *Dissertacion chirurgica sóbre las enfermedades que se oponen à la expulsion de la orina*, a que acrescentou mais tarde uma observação clínica.

Vendia-se êste livro na livraria de Osul, rua de la Montera, e depois em casa do autor, que já se tinha mudado para o principal duma casa da rua de la Luna, por cima dum sangrador. (1).

A 26 de Maio de 1773, o Supremo Conselho de Castela, atendendo ao facto de êle ter prestado durante 12 anos grandes serviços com as suas velas (candelillas) e supositórios, contra os obstáculos que impedem a passagem da urina e atendendo à informação do Proto-Medicato, concedeu-lhe licença para as fabricar, vender e transportar por todo o reino. Vendia então as velas em grupos de cinco duzias num estojo de folha e morava na Plazuela del Angel, 24, onde estivera o quartel de inválidos (2).

Em 1776 já uão estava em Madrid, e tinha passado a sua clínica a seu sobrinho João Audiard, que em 24 de Dezembro obteve licença para continuar com o negócio das velas na Rua de Preciados, 6, principal (3). Mas em 1779, Beauregard voltava a Madrid e retomava a sua indústria. (4).

* * *

Como desapareceram êstes especialistas estrangeiros? Em Portugal os cirurgiões mais ilustrados

(1) O livro tratava também dos laparões, fistulas, lobinhos e caneros.

(2) *Gazeta de Madrid* de 1755, n.ºs 33 e 49, de 1759, pág. 393, de 1760, pág. 144, de 16 de Maio de 1761, de 1766, n.º 23 e 43, de 1773, pág. 272 e de 1774, pág. 256.

(3) *Gazeta de Madrid*, de 10 de Setembro de 1776.

(4) *Ibidem*, de 12 de Março de 1779.

e habilitados nas campanhas ou no serviço dos grandes hospitais, a escola prática do Hospital de Todos os Santos e do que o substituiu, o Hospital de S. José, as viagens de instrução promovidas na segunda metade do século pela França, Inglaterra e Países Baixos, as lições de Feliciano d'Almeida, Filipe José de Gouveia e Antonio d'Almeida, para não falar senão dos mais conhecidos, ao mesmo tempo que os progressos do ensino da anatomia devidos a Manuel Constâncio e à sua escola, e por fim a publicação de muitas obras de cirurgia, e a fundação das Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e do Porto, contribuíram para criar uma pleiade de práticos capazes de dispensar a intervenção de estranhos.

Em Espanha igualmente o exemplo dos cirurgiões estrangeiros que vinham alistar-se no serviço do Exército e da Armada, o resultado das viagens de estudo feitas nos países mais adiantados da Europa por cirurgiões talentosos e experimentados, como Virgili, Gimbernat, Rivas e outros, a instituição do ensino regular da cirurgia nos Colégios de Cadiz, Barcelona e Madrid, e a publicação de alguns tratados originais ou traduzidos, como o de Velasco e Vilaverde, por exemplo, iniciaram a nova era de resurgimento e progresso da cirurgia, da qual aproveitou entre outras a clínica das doenças das vias urinárias. (1).

Estava terminada a época de decadência da cirurgia portuguesa e espanhola, que favorecia as empresas dos cirurgiões e charlatães estrangeiros, que

(1) É digno de registo o seguinte facto:

D. Antonio Fernandez, cirurgião honorário da real família e encarregado pelo rei da assistência dos empregados do Gabinete Real de História Natural e dos estudos de Química e Mineralogia de Madrid, conseguiu tornar a cânfora solúvel em água por meio do ácido carbónico e empregou esta água canforada com muito resultado na doença da bexiga e uretra. (*Gazeta de Madrid* de 1800, pág. 281 e 435).

antes encontravam na península campo tão vasto e fértil para a sua exploração. (1)

É de justiça dizer que destes barbeiros e cirurgiões ambulantes saíram clínicos de grande valor, como Ambrósio Pareo e Pedro Franco, que em todo o caso se lhes deve os serviços de terem continuado a tradição cirúrgica em toda a época da decadência, em que os médicos não queriam e os cirurgiões não sabiam executar as principais operações, de forma que só as mezinhas eram empregadas sem proveito e antes com prejuizo nas cataratas, hérnias, calculos vesicais e apertos. Portanto mesmo quando eram ignorantes, grosseiros e pouco conscienciosos, alguma utilidade tiveram.

Quando mais tarde foram substituídos pelos

(1) Antes de terminar seja-me lícito lembrar como naquêles tempos se encontravam em Espanha artistas capazes de construir instrumentos cirúrgicos que rivalizavam com os fabricados no estrangeiro. Sabe-se que Gimbernat fez construir um litotomo e um cateter com dardo ou lanceta. O licenciado D. Diogo de Bençes, médico e cirurgião em Puente la Reyna (Navarra), tendo um doente que se queixava de retenção de urina em 1802, mandou fazer uma algália com que esvaziou a bexiga e pouco depois, auxiliado por D. Manuel Lafuente e três cirurgiões, praticou a 16 de Maio a talha lateralizada, extractando dois calculos que pesaram 7 dracmas e 40 grãos. (*Gazeta de Madrid* de 1802, pág. 1129).

O Real Colégio de Medicina e Cirurgia de Cádiz, tendo conhecimento dos resultados obtidos em Paris pelo aparelho de Civial para realizar a litotriçia, encomendou-o ao seu construtor em Paris, Chaussier, em princípios de 1830, e ao mesmo tempo encarregou Mestre Escasi, que estava empregado em fazer e concertar o material cirúrgico do mesmo Colégio, de pelas estampas que representavam o referido aparelho fazer um que pudesse servir antes de chegar o de Paris, para proceder aos ensaios nos cadáveres, julgados convenientes para preparar os cirurgiões para realizar a operação nos vivos.

Desempenhou-se Mestre Escasi desta incumbência tão bem, que quando chegou o litotritor de Paris, comparando-o com o feito em Cadiz, se verificou que este nada era inferior ao primeiro, mas até que, não só os seus ramos se fechavam melhor, mas também todo o aparelho era de menor espessura que o francês, sendo portanto de mais fácil introdução. O hábil artista não quiz receber paga pelo seu trabalho. (*Diário Mercantil e Gazeta de Lisboa* de 1830, pág. 749).

clínicos graduados, os cirurgiões ambulantes tiveram o incontestável mérito de praticamente fazer conhecer aos clínicos gerais as indicações operatórias e processos mais convenientes de realizá-las nos casos curáveis pela intervenção operatória, propaganda e resurgimento da cirurgia, que se realizou em grande parte no século XVIII.



CIÊNCIA E
O DE CARVALHO



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329679262

